

“México e Venezuela devem ser considerados exemplos”

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

A negociação da dívida externa é importante para inserir o País na economia mundial e o México e Venezuela colocam-se como exemplos a serem observados pelo Brasil. No caso daqueles países, com situação de endividamento externo semelhante à brasileira, ocorreu uma redução do estoque da dívida e encontram-se em “situação mais favorável que a nossa”.

A opinião é do diretor indicado pelo governo para assumir a diretoria da área internacional do Banco Central (BC), Armínio Fraga Neto, e foi colocada durante a sabatina a qual se submeteu pela manhã, na comissão de assuntos econômicos do Senado federal. Depois da sessão, seu nome foi aprovado por unanimidade, por dezenove votos, e no início da noite sua indicação foi confirmada pelo plenário do Senado.

Ele considera ser possível conciliar a noção da capacidade de pagamento contida na Resolução 82 do Senado federal — que estabelece os parâmetros para renegociação da dívida — com os mecanismos de redução do estoque da dívida já consagrados nos casos conhecidos do México e Venezuela. “Isto é possível. A redução é aceita pelos participantes da negociação e cabe traduzir isto em termos de redução do estoque”, explicou ele, procurando esclarecer uma dúvida do senador Beni Veras que queria saber como seria possível atender à constatação de que o País precisa inserir-se na economia mundial em uma realidade na qual a dívida externa apresenta-se como “impagável”.

O senador chegou a sugerir que o governo chamasse as empresas multinacionais, instaladas no País, a colaborarem no processo de renegociação da dívida como forma de vencer “a indiferença olímpica” que aquelas empresas têm com relação ao tema. Fraga Neto, aparentemente, gostou da sugestão e indicou que iria passá-la à equipe de negociação da dívida.

As opiniões do novo diretor do BC sobre o encaminhamento da questão do acerto externo ficaram ain-

da mais nítidas quando atendeu ao pedido do senador Mário Covas (PSDB-SP), no sentido de que explicasse melhor o que queria dizer quando defendeu a maior inserção do Brasil na economia internacional, quando se sabe que a economia do País está longe de poder ser chamada de fechada.

RECURSOS

“O lado comercial vem sendo abordado com a redução das tarifas e das restrições quantitativas à importação e este aspecto é fundamental, mas do lado financeiro a situação mostra o estoque da dívida colocando-se entre as oportunidades de investimento e de poupança externa”, respondeu Fraga, lembrando que a solução da dívida mexicana resultou em um aporte para o País de 4% do PIB em recursos externos na forma de captação de empréstimos e, ainda, de cerca de 4% do PIB na forma de capital de investimento e de capitais de curto prazo. Ele aproveitou a chance para chamar a atenção de que não importa apenas o volume de recursos ingressados, mas sim o tipo de recurso: “O crescimento não depende só da quantidade do capital, mas também da qualidade do capital”.

Em três ocasiões diferentes, durante seu depoimento, o diretor do BC teceu elogios à atuação do negociador oficial da dívida externa, embaixador Jório Dauster, no encaminhamento dos entendimentos com os credores, em torno dos juros atrasados. “Esta etapa me parece ter sido muito bem conduzida”, disse ele, já projetando o assunto para frente.

“O ponto interessante para o futuro é a definição da capacidade de pagamento para 1992, quando o novo orçamento será desenhado”, disse ele, atestando que cabe ao ministro da Economia definir o limite da capacidade de pagamento do País, mas acha que não se deve chegar a um número exagerado, como foi o caso da Alemanha, e nem no outro extremo, citando como exemplo o Peru, que durante um bom tempo não pagou nada, isolando-se completamente do cenário financeiro internacional.